

SI PAUPER EST, ET NON RECORDABOR

“Se fui pobre, não lembro mais” em latim parece mais chique, é uma frase criada pelo filósofo francano Maximus Bernardius Cássis em seus momentos de lazer às margens da represa da usina hidrelétrica do Estreito no rio Grande, paradisíaco lugar encravado no município de Claraval, proximidades da velha Franca. Para sua inspiração filosófica, havia sempre uma rede, cerveja gelada no píer, sol, água e boa prosa mineira. Embora o filósofo não esteja mais entre nós, recordamos sua alegre e espirituosa presença em momentos familiares e conversas sem fim à beira d’água, diversão para todo um final de semana especial com os irmãos reunidos. Seu dístico foi incorporado ao nosso vocabulário de folga e lazer, sem horários nem obrigação para nada.

Mas das conversas com o caseiro do rancho veio inspiração para a criação literária. Ocorre que o mineirinho que toma conta do lugar, muitos anos atrás, resolveu tirar a carteira de habilitação de motorista, a famosa CNH, para dirigir seu fusca envenenado que subia e descia os pedregosos morros e a percorrer o cerrado até as usinas ou as pequenas cidades da região. O pouco movimento das estradas, quase todas ainda no chão bruto do cerrado, desconheciam presença policial.

Ele ficou inquieto, a CNH estalando de nova, louco para exibi-la e ninguém queria vê-la. Circulou e andou por todo lado e nunca viu viatura ou policial fardado pelas estradas. Até que bandidos assaltaram o pequeno posto bancário da vila de trabalhadores da usina hidrelétrica próxima. Nos dias seguintes (após a porta arrombada), enxames de camburões e viaturas da polícia apareceram na região. Sem saber de nada, o mineirinho foi comprar uns mantimentos na birosca próxima, na rodovia que liga as usinas de Peixoto e Estreito.

Ao ver as luzes giroscópicas da polícia, não teve dúvidas. Ao chegar à barreira policial, estacionou no acostamento sem ser solicitado. O policial que o abordou foi logo dizendo: “eu não ordenei, porque o senhor parou o veículo?” Sorridente, ele foi logo tirando do bolso a CNH, ainda virgem de olhos fiscalizadores.

O guarda, ao vê-lo tão solícito, disse resignado: “bom, já que o senhor parou, então vamos fiscalizar”. Olhou os documentos, “a CNH está Ok, mas o IPVA está vencido, vamos ver o extintor de incêndio e os pneus”. Os quatro estavam mais carecas que o Lex Luthor do STF e a carga do extintor vencida há dois anos. “E os faróis, acende aí”, disse o policial. Num dos lados, as luzes estavam queimadas, o pisca-pisca também estava com defeito. O soldado, olhando para os lados, viu que o comandante da operação estava distante e disse: “a única coisa que está em dia é sua CNH, o senhor some daqui agora antes que o sargento veja”. Foi o que fez, ligou o carro e saiu em carreira desabalada na direção das Águas Quentes. Por via das dúvidas, nunca mais quis saber de roncar papo de sua CNH.

Mauro Ferreira é arquiteto